

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA ZANETTI BAENA VIEIRA
RAFAELA SILVA DIAS

O QUE VOCÊS FAZEM AQUI?
GÊNERO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EM CURSOS DO PRONATEC

CURITIBA
2014

FERNANDA ZANETTI BAENA VIEIRA
RAFAELA SILVA DIAS

O QUE VOCÊS FAZEM AQUI?
GÊNERO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EM CURSOS DO PRONATEC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia no curso de Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mônica Ribeiro da Silva

CURITIBA
2014

TERMO DE APROVAÇÃO

FERNANDA ZANETTI BAENA VIEIRA
RAFAELA SILVA DIAS

O QUE VOCÊS FAZEM AQUI?
GÊNERO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL EM CURSOS DO PRONATEC

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia no curso de Pedagogia do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Mônica Ribeiro da Silva
Orientadora – Departamento de Planejamento e Administração Escolar – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Sônia Fátima Schwendler
Departamento de Departamento de Planejamento e Administração Escolar – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 14 de novembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Coloco em primeiro lugar meu agradecimento a Deus, porque sem Ele eu não estaria aqui. Agradeço aos meus pais Sérgio Pedrosa Baena e Maria Helena Zanetti Baena por todo amor e suporte sempre dedicados, aos meus quatro avós que sempre estiveram presentes e não mediram esforços ao investir na minha vida e educação. Ao meu irmão Gabriel Zanetti Baena dedico como inspiração e incentivo para o seu posterior sucesso acadêmico também. Agradeço aos meus tios e primos pelo afeto e apreço, e ao meu marido André Novaes Vieira, pessoa com quem amo partilhar a vida. Obrigada pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria da vida. Agradeço também aos meus amigos pelo incentivo e pelo apoio constantes, e principalmente a nossa orientadora Professora Mônica Ribeiro da Silva pelo excelente trabalho e dedicação.

Fernanda Zanetti Baena Vieira

Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai Marcos Vitorio Dias, minha mãe Solange Beatriz Silva Dias, aos meus irmãos e meu companheiro e melhor amigo, Diego Rebelo Bueno, pela paciência e dedicação todo esse tempo, o incentivo de vocês fez com que minha vontade de vencer essa batalha fosse ainda maior.

Rafaela Silva Dias

“Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade.”

Simone de Beauvoir

RESUMO

O presente trabalho vem nos situar diante da atual posição da mulher no mundo do trabalho, das dificuldades em relação ao gênero e ao preconceito que cerca toda a formação profissional. Estruturamos uma discussão sobre os principais pontos em torno da feminilização e masculinização de funções, assim como a importância da formação continuada para que os docentes possam debater com seus alunos a respeito do gênero e quebrar com a reprodução de valores evidentes no cotidiano. Em relação à pesquisa empírica, os sujeitos de pesquisa são mulheres que participam do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), e que se viram diante da oportunidade de cursarem uma área predominantemente masculina. Nos interessa compreender quais as dificuldades e preconceitos encontrados e como lidaram com cada barreira. O estudo permite afirmar que a mulher, como minoria e ser reprimido, busca seu espaço e a confirmação de que é capaz de realizar funções designadas aos homens.

Palavras-Chave: Gênero, Trabalho, Educação Profissional, Pronatec, Qualificação.

ABSTRACT

This work is about the current position of women in the workplace, the difficulties in relation to gender and prejudice surrounding the whole professional training. We structure a discussion of the major points around the feminization and masculinization of functions. As well as the importance of continuing education to enable teachers to discuss gender with their students and to break with the reproduction of values evident in everyday life. Regarding the empirical research the subjects are women training part in the National Programme of the access to technical education and job (PRONATEC), who got the opportunity to study in male dominated area we are interested in understanding, what are the difficulties and prejudices encountered and how they dealt with each barrier. The study allows to affirm that the woman, as minority and repressed bring, is setting its place and the confirmation that she is capable of performing function assigned to men.

Keywords: Gender, Labor, Vocational Education, Pronatec, Qualification.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	ABORDAGEM SOBRE GÊNERO.....	11
	2.1 GÊNERO E SUA CONCEPÇÃO.....	11
	2.2 GÊNERO E O PAPEL DA ESCOLA.....	13
	2.3 GÊNERO E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	16
3	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA ÁREA DA CONSTRUÇÃO CIVIL.....	19
4	GÊNERO E SUA PARTICIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL..	26
	4.1 A REALIDADE DAS MULHERES NOS CURSOS DA ÁREA DE CONSTRUÇÃO CIVIL.....	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICES	39

1. INTRODUÇÃO

A divisão sexual do trabalho esteve presente em todas as sociedades. Não só determinada socialmente, mas também biologicamente. As mulheres são condicionadas e aprendem que devem priorizar apenas a vida familiar, a maternidade, que é naturalizada como função principal da mulher, obrigando-as ao afastamento do trabalho, ao recolhimento ao lar, por quatro meses. Esses quatro meses, temos como conquista importante das mulheres, a licença maternidade é um grande marco para essas mulheres que ganham o direito de vivenciar esse momento único de forma mais plena e humana. Isso contribui para que estas mulheres não se dediquem aos estudos em certas áreas do conhecimento ou não se envolvam com trabalhos ditos “pesados e masculinos”, como de construção civil.

Apenas ser homem ou mulher hoje, é insuficiente para determinar uma profissão, porém ainda existe a visão do homem como detentor de mais conhecimento, da força e da independência em função de que historicamente homens dominaram o mundo das pesquisas e descobertas, além de as mulheres terem tardiamente na história mundial o direito à escolarização. Sobretudo, nos anos 70, no Brasil (LUZ, 2009), ocorreram algumas mudanças no contexto de profissões tradicionais como engenharia, medicina, arquitetura e direito, o que ocasionou a inserção feminina nesses campos de trabalho. Portanto, profissões como essas, que até então eram reduto exclusivo do mundo masculino, passaram a receber um percentual cada vez maior de mulheres para uma carreira profissional, havendo a necessidade de investimentos na capacitação e escolarização profissional das mesmas.

Para conhecer o que acontece nos processos que formam as diferentes sociedades humanas, o conceito de gênero nos ajudará a ampliar a análise, porque nos permite introduzir no nosso campo de conhecimento a relação de poder (relação social) existente entre homens e mulheres. Relação esta que se inscreve em diferentes esferas de convivência, como família, escola, trabalho, etc.

Nesta perspectiva educacional e profissional, adotaremos a atual política pública Brasileira, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) como campo de pesquisa. Bucci (2002 apud Luz, 2009), enfatiza a

“política pública como conjunto de ações ou normas de iniciativa governamental, visando à concretização de direitos” e para tal eliminar a desigualdade de gênero, raça, etnia e demais diferenças.

A falta de publicação e estudo de dados do assunto, pelo fato de ser um programa federal recente, nos fez contribuir com esta pesquisa sobre a participação das mulheres de um determinado público do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), exclusivamente em cursos do eixo construção civil onde historicamente predominaram matrículas de homens.

A contribuição das mulheres na economia e no mundo do trabalho na área cresce em diferentes posições, mas com ele cresce também o preconceito, assédio moral e desigualdade profissional. Estas perdas de participação das mulheres no mundo do trabalho causam perdas a toda sociedade, estimulando a pobreza, estereótipos, discriminação e atraso econômico.

Neste texto, problematiza-se a qualificação e atuação de mulheres no setor produtivo da construção civil. Pretende-se avaliar seus desempenhos e questionamentos por meio de entrevistas e comparar o mundo do trabalho na área acima mencionada.

No primeiro capítulo deste trabalho apresentaremos uma breve conceituação bibliográfica sobre gênero e seu emprego significativo nas áreas sociais, educacionais e profissionais. Iremos descrever os papéis estabelecidos na sociedade atual para homens e mulheres e o papel da educação nesta formação. Já o segundo capítulo é dedicado aos papéis de gênero especificamente no mundo do trabalho, as suas expectativas e resultados conforme o tempo histórico.

Gênero e sua atribuição na educação profissional estão no terceiro capítulo deste trabalho descrevendo o papel do Pronatec neste contexto e bem como o importante papel das instituições de ensino profissional para a formação das mulheres em cursos predominantemente masculinos no mundo do trabalho.

O estudo empírico encontra-se no quarto capítulo com o retrato da realidade das mulheres que cursam Pronatec na modalidade qualificação profissional, em cursos na área da construção civil e seus depoimentos a respeito do assunto. Os sujeitos de nossa pesquisa situam-se numa classe social que vê o trabalho como parte de sua vida, como constituição de si, vê o salário como meio de sobrevivência, como o que lhe permite circular nos meios sociais e galgar *status* e reconhecimento. E, além disso, buscam sonhos, e a realização desses

sonhos. Todas pensam em sua sobrevivência, porém estão mais ligadas a paixão que já tinham, ou criaram por essa área do que propriamente ao lucro que essa profissão pode gerar.

Por fim, as considerações finais levantadas após a análise e estudo deste presente trabalho.

2 ABORDAGEM SOBRE GÊNERO

Desde as sociedades mais primitivas da história, homens e mulheres buscam seu espaço, e confrontando-se todos os dias em suas relações sociais e profissionais. A partir de então houve a construção da educação por gêneros, escolha de carreiras femininas e masculinas. Podemos iniciar dizendo que gênero é, basicamente, uma categoria que nos permite entender o grande e importante processo de construção social do masculino e do feminino. Importante ressaltar que é também uma herança de costumes e crenças, que perpetuaram por longos anos e são mantidos até os dias atuais.

2.1 GÊNERO E SUA CONCEPÇÃO

Na tentativa de expressar o significado do termo “gênero”, retiramos, parcialmente, a definição do dicionário:

“gê.ne.ro **sm** (*lat* ***generu**, por **genus**) **1** Grupo de seres que têm iguais caracteres essenciais. **2 Lóg** A classe que tem mais extensão e portanto menor compreensão que a espécie. **3 Biol** Grupo morfológico intermediário entre a família e a espécie. **4 Gram** Flexão pela qual se exprime o sexo real ou imaginário dos seres. **5 Gram** Forma do adjetivo ou pronome com relação ao gênero dos nomes a que se refere. **6** Agrupamento de indivíduos que possuem caracteres comuns. **7** Espécie, casta, raça, variedade, sorte, categoria, estilo etc. **8** Qualidade, espécie, modo” (Michaelis, 2014)

No meio de tantas concepções e termos classificatórios, não há como generalizar o seu significado sem o seu contexto histórico. De acordo com Luz (2009, p.21) “*O termo gênero possui portanto muitos significados, de acordo com as diferentes abordagens que existem sobre o fenômeno da construção social do masculino e do feminino pela sociedade e pela cultura*”.

No presente trabalho trataremos de seu significado adquirido na época dos movimentos feministas através de suas pesquisadoras, cujo objetivo central era desnaturalizar o estigma do feminino e da mulher biologicamente definida (Simião,

2005). Não podemos confundir a biologia do feminino e do masculino como fator para escolha de carreira ou curso, há necessidade de desmistificar “gênero” de “sexo”:

“Sexo” é um dado biológico e “gênero”, uma construção cultural. É preciso descolar o sexo do gênero para entender as questões culturais que envolvem os comportamentos e características femininas e masculinas nas mais diferentes sociedades e culturas. Considerar o gênero como uma contingência do sexo biológico é uma postura reducionista, pois torna limitado o desenvolvimento total das pessoas, direcionando-as aos ditames da natureza, levando a interpretações universais que não cabem nos fatos próprios da cultura. (LUZ, 2009, p.24).

Considera-se então neste momento, o gênero não como termo usual equivalente a sexo, sinonímia de mulher, mas como um complexo de significações reservadas aos papéis masculinos e aos femininos. Gênero é diferente de sexo pois estas são diferenças físicas, biológicas e “naturais”, enquanto que as relações de gênero é um conjunto de expectativas sociais criadas em torno do sexo biológico, construídas pela sociedade e variam de acordo com a época, cultura e região que está. Estas relações mudam ao longo da história, do jeito de produzir e viver, e as expectativas e estímulos reforçam ou previnem preconceitos e aceitações.

[...] pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997:22 apud LUZ, 2009).

“Gênero” é um termo recente utilizado pela sociedade, após os anos 60 onde houve a preocupação com estas construções diferenciadas entre homens e mulheres. Na verdade, no mundo acadêmico, o termo gênero surgiu no momento em que pesquisadoras feministas em seus estudos buscavam desnaturalizar a condição da mulher na sociedade (SIMIÃO, 2005). Estes estudos feministas então, de acordo com Luz (2009), tinham inicialmente a intenção de desmistificar as condições das mulheres na sociedade, desconstruir a ideia do determinismo biológico, da mulher como mãe, delicada, sensível, obediente. Antigamente estas características eram desvalorizadas pela sociedade ocidental de mercado, onde a

competitividade e agressividade eram mais valorizadas (características masculinas). Estava na genética dos homens e na sua essência, serem seres superiores, fortes e, por outro lado, estava na genética das mulheres, portanto na sua essência, serem inferiores e mais frágeis.

Assim, as desigualdades entre homens e mulheres foram interpretadas como naturais e o gênero então se torna estereotipado pela sociedade com papéis contrários e determinados socialmente para cada um. “(...) a sociedade impõe certos papéis para os homens e outros para as mulheres e que vão determinar a forma como homens e mulheres se veem e como se relacionam uns com os outros” (SIMIÃO, 2005, p.10).

Chamamos a atenção para o conceito de gênero exposto por Mariano:

Gênero, como categoria analítica elaborada nos estudos feministas, tem a função de colocar luz sobre as diferentes posições ocupadas por homens e mulheres nos diversos espaços sociais, dando destaque ao modo como as diferenças construídas socialmente resultam em critérios de distribuição de poder, portanto, em como se constroem as relações de subordinação. (2008, p. 355 apud LUZ, 2009)

Atualmente, o conceito de gênero vem sendo requisitado como elemento central de análise da vida social, desvinculado de contextos socioeconômicos concretos e das análises críticas às relações sociais capitalistas: “As desigualdades construídas socialmente, a partir do sexo/gênero e da cor/raça, são eixos estruturantes das desigualdades sociais no Brasil, ou seja, atravessam as relações sociais da sociedade brasileira” (BRASIL, MTE, 2004, p.24). Nesses estudos, as relações de poder entre homens e mulheres ganham destaque: a dimensão simbólica se sobrepõe à análise das bases materiais. Dessa forma, não existem características femininas ou masculinas definitivas e inalteráveis, assim como não há habilidades ou dificuldades inatas apenas de mulheres ou de homens, pois a construção do gênero não está marcada pela natureza, devendo sempre ser entendida no contexto cultural e de sociedade que estão presentes. Assim, o gênero também é considerado como constitutivo da vida e das relações sociais, estando presente em todos os aspectos da vida social.

2.2 GÊNERO E O PAPEL DA ESCOLA

O gênero tem grande importância nas relações sociais, pois há uma grande discussão, o que gera uma atenção maior ao tema. O contexto que vivemos nos faz lembrar a todo o momento do embate que existe entre homens e mulheres, a busca de poder e reconhecimento, nos leva a disputas cada vez mais acirradas. A condição de oprimida exercida pela mulher e a liderança e imposição colocada pelo homem, resulta nas desigualdades existente em nossa sociedade.

Nesse sentido, o espaço escolar é um espaço relevante, pois ele produz, reproduz, reafirma, desconstrói e legitima imagens e representações de gênero e sexualidade. Esse espaço é, no entanto, contraditório, pois, assim como pode reproduzir, pode também transformar. E a contradição que é importante, pois não se pode apenas reproduzir, seja o que for, e principalmente quando falamos de conhecimento, é necessário questionar ao invés de apenas reproduzir o que lhe é imposto. E quando falamos de mudanças, seja elas de atitude, ou de método, dentro do âmbito escolar, estamos direcionando nossa vontade para as mudanças na estrutura curricular, mas não é o primeiro ponto a se pensar, para que realmente haja possibilidade de transformação. É importante que haja um trabalho específico na formação dos docentes, para que eles estejam preparados para os possíveis questionamentos em relação a gênero e sexualidade. É na escola também que podemos romper com o que nos vem sendo imposto com o passar do tempo. Nossa realidade, aos poucos vem rompendo com esse tabu tão grande do feminino e masculino, e isso nos exige uma postura educacional mais aberta e que possibilite o verdadeiro desenvolvimento humano.

A escola, como um espaço de construção social dos indivíduos, contribui para a elaboração e formação de padrões de identidade de gênero. Cabe aos educadores problematizar e trazer à reflexão sobre a promoção da equidade de gênero, excluindo o preconceito e enfrentando as violências. Preocupações em torno da construção de sujeitos e de relações entre sujeitos dotados de corpos, gêneros e sexos sempre estiveram presentes no sistema escolar e nas políticas públicas de educação brasileira (ROSEMBERG, 1985). Para Luz:

As práticas escolares devem ser repensadas, eliminando-se do ambiente escolar conteúdos discriminatórios, bem como ações que configurem

qualquer tipo de violência, seja física, moral ou psicológica. É preciso desnaturalizar o determinismo biológico presente nos padrões dicotômicos de gênero que aprisionam homens e mulheres em comportamentos e atributos considerados, respectivamente, naturalmente masculinos e femininos. A escola deve se propor a contribuir com o desenvolvimento humano pleno, o que pressupõe assumir o desenvolvimento social e, nesse sentido, fazendo-se necessário respeitar diferenças, mas, sobretudo, construir cidadania e contribuir para a concretização dos direitos fundamentais de todo ser humano. Sendo assim, não há espaço na instituição escolar para desigualdades sociais, de gênero ou de caráter étnico-racial, ou, ainda, para hierarquias de conhecimentos e profissões (LUZ, 2009, p. 14).

As práticas educacionais devem ser estudadas e propostas pelo pedagogo da escola pois os estereótipos da sociedade quanto aos comportamentos femininos ou masculinos estão marcados. Como exemplo, quais as características que as meninas precisam ter (delicadeza, fragilidade, emoção), e quais os meninos devem ser ensinados (agressividade, competitividade, força).

Nos Estados Unidos e na Europa, havia uma área conhecida como “Estudos das Mulheres” (*Women’s Studies*) e a preocupação com uma pedagogia feminista. Essa pedagogia expressa o equilíbrio ideal do que se pode querer em relação a essas diferenças de gênero. Foi essa área que deu visibilidade ao trabalho da mulher, a discriminação e a subordinação de gênero. A proposta era que se criasse formas de estudo que contasse com valores femininos e que pudesse construir um ambiente que desse importância ao trabalho coletivo, comunitário e cooperativo mostrando o contrário da sociedade masculina que é vista como individualista e competitiva.

Este espaço será construtivo, desafiador e com contradições, mas poderá contribuir com a transformação social e construção da igualdade de gênero. Como exemplo, Luz (2009) indica que as Políticas educacionais, projeto político-pedagógico, currículo escolar, planos de ensino, planos de aula, cotidiano escolar e práticas escolares podem contribuir para a transformação das relações de gênero e para a consolidação da justiça social.

O pedagogo-professor, poderá através de ilustrações do dia a dia, com jornais, revistas, reportagens, legislações, refletir com seus alunos sobre os preconceitos contra a mulher, desigualdades ainda existentes na sociedade, e considerar os seus direitos, assim, apontando questões para mostrar aos alunos as possibilidades de construir uma sociedade que respeita a diversidade. Este docente têm os desafios de planejar, implementar propostas e mudanças, ensinar conteúdos e mostrar

oportunidades que muitas vezes não fizeram parte de sua formação e vida acadêmica. Este não será um processo simples, e nem rápido, porém possível e executável com a participação de uma comunidade escolar engajada e consciente de sua importância. Conforme Luz (2009), a legislação brasileira traz a perspectiva que prevê a igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres e estabelece entre os objetivos da República Federativa a promoção do bem de todas as pessoas, sem preconceitos ou qualquer outra forma de discriminação.

Conforme artigo da UNICEF (1999), se a educação das meninas e adolescentes tiver como parâmetro apenas a maternidade e o casamento, dificilmente, na fase adulta, elas emitirão suas opiniões na sociedade ou mesmo concorrerão a um cargo político, pois, tenderão a assimilar, por meio da socialização, que essas são ações para os homens. Ou seja, durante sua vida, estas mulheres tem fora de casa a oportunidade de conhecer novos caminhos, trabalhos em linhas diferentes de crescimento profissional. Por isso é de grande valia a importância do ambiente escolar e sua ação docente. É um ponto importante, requer mudanças na formação do educador, ele deve estar preparado diante dos desafios da prática pedagógica, atravessada pelas relações de gênero. De acordo com Luz (2009), mais do que rever currículos escolares, há que se repensar na formação docente e enfrentar o preconceito e as violências de gênero que, muitas vezes, os próprios professores enfrentam no dia-a-dia de trabalho. Urgente também repensar o masculino e o feminino frente a uma realidade social que não comporta mais modelos duais e discriminatórios. A realidade tem exigido posturas educacionais abertas e que permitam o pleno desenvolvimento humano.

Antigamente, no Brasil, os pais ou responsáveis, orientavam as filhas para os estudos, o casamento e a profissionalização, exatamente nessa ordem, deixando por últimos a questão do trabalho. Atualmente, devido a grandes mudanças na economia, a ordem se altera. Porém ainda é contraditório entre a concepção da mãe e do pai, as mães costumam incentivar a educação escolar e a busca do auto sustento, mas não as tiram da responsabilidade de serem competentes como esposas e donas de casa. Os pais, costumam ainda ver as mulheres como responsáveis pela criação dos filhos e manutenção da casa, o que propaga o preconceito e a naturalização dos tradicionais papéis de gênero.

2.3 GÊNERO E A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Hoje a divisão sexual do trabalho é algo ainda muito comum para uma sociedade classificada como desenvolvida, existem falas de que caminhamos naturalmente para a igualdade, mas é uma definição ilusória que apenas disfarça a inércia em que nos encontramos.

Dessa forma podemos perceber que em certas sociedades e culturas sobressai a atuação dos homens em práticas mais comuns e da mesma forma a atuação das mulheres, reafirmando hierarquias de poder. Uma das pesquisadoras de gênero a nível internacional, Scott, afirma que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p.86 c Luz 2009). A efetivação da equidade de gênero no Brasil, passa necessariamente por críticas à divisão sexual do trabalho, pela valorização do trabalho feminino e pelo papel da educação da escola nesta formação, como vimos anteriormente.

A grande discussão se dá pela questão de classificação cultural de cada área, cada profissão sendo direcionada a determinado sexo, como Souza-Lobo nos trás:

[...] a sexualidade das funções passa por um complexo mecanismo cultural que define “cursos de mulher”, “cursos de homem”, mas muito mais do que isso, por relações hierárquicas e de quantidade distintas entre os sexos, representações de responsabilidade e de adequação, que por sua vez remetem a relações de poder fundadas no saber técnico, próprio ao trabalho industrial. (SOUZA-LOBO, 1991, p.58)

A fala de Souza-Lobo nos esclarece que as barreiras existentes e o rompimento com elas que a gente vem buscando é construído historicamente e é por isso que o rompimento não é algo fácil de alcançar, mas também é justamente por isso que não devemos nos fechar diante desse assunto, é através de debates, exposições de ideias e discussões que um dia a gente poderá atingir a igualdade e o respeito máximo. Devemos lembrar que “profissões femininas e/ou masculinas” são nomenclaturas que surgiram num contexto histórico e não são regras impostas, ou seja, é possível sim uma mulher desenvolver um trabalho masculino e vice-

versa. Mas devido a essa imposição reproduzimos essa denominação e assim perpetuamos ainda mais o “preconceito”. A sociedade muitas vezes impõe padrões e modelos de sexualidade e gênero que impedem o desenvolvimento social e político de muitas pessoas. Esta imposição e a intolerância com a diferença têm gerado discriminação, ódio, preconceito e violência – questões que não contribuem nem para o desenvolvimento humano.

Na educação familiar mais tradicional, vemos os homens se preocupando com o dinheiro, carreira, ideias e progresso, enquanto as mulheres devem “cuidar” de suas famílias, casa, roupas, etc. A situação diferencial do gênero no campo de trabalho é explicada por essa construção de papéis masculinos e femininos que, historicamente, delimitaram às mulheres as responsabilidades e cuidados domésticos – o espaço privado; e aos homens, o provimento financeiro da família.

Para Hirata (2002), “o fenômeno de inserção diferencial de homens e mulheres no mercados de trabalho denomina-se segmentação ou segregação dos mercados de trabalho baseada em gênero”, ou seja, existe sim a concentração de oportunidades de trabalho para as mulheres em setores de atividade específicos e num número reduzido de ocupações dentro da estrutura produtiva, como o da construção civil como trataremos a seguir.

Essas atividades específicas da mulher, com o objetivo de “cuidar”, dão a ideia de que o trabalho da mulher é algo ‘secundário’ comparado ao trabalho masculino. Existem diferenciações, para homens e para mulheres, quanto à escolha de carreiras mas não porque existam especificamente carreiras masculinas ou femininas. De fato, as mulheres são bastante envolvidas nas atividades domésticas por seu papel de mãe. Ao contrário, os homens parecem não ter, um motivo que os mantenham em casa por tanto tempo.

E além de existir profissões que historicamente foram concebidas como masculinas, a própria significação do termo “trabalho” era algo pertencente apenas ao mundo masculino. Portanto, as mulheres tiveram que enfrentar um espaço na sociedade e muitas profissões foram relutantes, e algumas são até hoje, à ideia de mulheres atuando junto aos homens. O sistema utiliza da cultura patriarcal para ampliar o capital, justifica os vários anos de reprodução dessa forma de cultura para justificar e propagar situações de desigualdades e privilégios fornecidos aos homens

diante das mulheres.

Não é possível discutir a questão do gênero sem pensar no convívio social e nas implicações que ele causa, e para isso é necessário que haja uma convivência sadia é necessário que seja estabelecida uma relação de respeito com as diferenças. Mas o que vemos nas escolas hoje, é uma acomodação, um silêncio que tem a intenção de calar as mudanças necessárias, e que passam uma ideia de que tudo está bem, que não existe mais esse preconceito entre gêneros, mas sabemos que no mercado de trabalho isso está evidenciado. O cotidiano nos mostra que as pessoas estão cada vez mais individualistas, e isso contribuem para que o preconceito se reproduza de forma rápida e devastadora. Devemos pensar mais no próximo, se colocar no lugar do nosso similar, é o primeiro indício de quem quer mudança, e tem consciência de que só a mudança será capaz de fazer as relações progredirem realmente.

3. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA ÁREA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

As mulheres ainda sendo as personagens principais dentro dos lares, mesmo que com maior escolaridade, sofrem mais com o desemprego que os homens. Sendo a nossa sociedade inserida nesse contexto, é isso que reproduz uma profissão dita feminina ou masculina. Inclusive autores, como Tomaz Tadeu da Silva (1999), que ao abordar sobre currículo discorre como elas buscam encontrar soluções que façam que as desigualdades de gêneros não sejam mais reproduzidas a partir do currículo tradicional.

Assim como a sociedade, os elementos da escola são pensados para homens e por homens. “Os homens ficam com uma parcela desproporcional de recursos materiais e simbólicos da sociedade.” (Silva, 1999) O ponto de partida dessas diferenças está no acesso, já que até nisso os homens levavam vantagem, quando não de forma escancarada, por “trás dos panos”, pela organização interna, já que algumas disciplinas eram restritas aos homens e seguindo essa “lógica” afetaria o mundo do trabalho, já que por sua vez, era estipulados empregos masculinos e femininos, e quando se fala nisso, nem é preciso dizer sobre as diferenças gritantes de salário. E na escola além do currículo, dos materiais didáticos essa reprodução dos estereótipos ligados ao gênero partia também dos professores e professoras, que cobravam meninos e meninas de forma diferente, esperando resultados diferentes de ambos.

A superação da situação de desigualdade de oportunidade que a mulher enfrenta no mundo dos estudos, do trabalho e na sociedade exige ações conjuntas de diferentes atores e atrizes sociais, bem como ações em diferentes esferas da sociedade: econômicas, legais e culturais. No entanto, reconhecer as discriminações e suas formas de manifestação nas diferentes esferas da vida é o primeiro e principal passo em direção à sua superação. E a sociedade influencia? Sem dúvida. Além disso, os pais e mães também influenciam. Lombardi, (2005), relata depoimentos de engenheiras que dizem terem sido influenciadas pelos pais.

Comprovando, trazemos o depoimento de Rose Roza, que se formou em 2007, pelo Senai no curso técnico de Edificações, dizendo optar por esse curso pela admiração que mantinha pelo seu pai, além de observar uma mulher de botina e capacete, colega de trabalho do pai, que a jovem Rose desejava imitar ao

crescer. “As mulheres continuaram excluídas dos graus mais elevados de instrução durante o século XIX: A tônica permanecia na agulha, não na caneta” (BELTRÃO e ALVES, 2004, p. 04, apud SANTOS, 2011, p.4)

Uma importante crítica levantada à experiência do PLANFOR e registrada por Yannoulas, e que também deve ser motivo de estreita atenção, refere-se ao conteúdo dos cursos, de forma que não sejam identificados como “cursos para mulheres”:

É necessário formular cursos e projetos que tendam a abrir o leque de oportunidades de formação profissional e de trabalho remunerado para as mulheres nos diversos setores da economia, e, ao mesmo tempo, que possibilitem a manutenção e a promoção no emprego, bem como a redução dos diferenciais salariais entre homens e mulheres com idênticas condições de escolaridade. (YANNOULAS, 2002, p. 33)

Primeiramente a educação feminina era realizada apenas em casa, depois passou também para escolas particulares e por fim no século XIX o ensino público passou a ser misto. Na década de 70, com a industrialização brasileira, as mulheres começaram a ter mais lugares na formação profissional, universidades e institutos federais. Passando do modelo fordysta-taylorista para o taylorismo, muda-se a concepção de trabalhador de movimentos mecânicos e repetidos, e passa-se a buscar capacidade intelectual nos empregados.

Dados estatísticos comparados do IBGE comprovam que gradativamente (dos anos 1970 até os atuais 2011) as mulheres conquistam o espaço anteriormente ocupado por homens dentro da área de construção civil, conforme tabela abaixo:

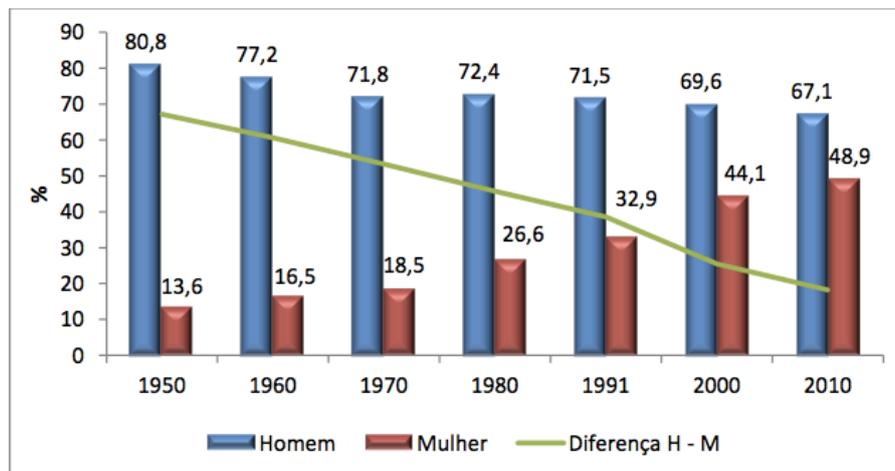
Gráfico 1 - Taxa de participação feminina na População Economicamente Ativa, por ramo de atividade econômica. Brasil, 1950, 1960 e 1970 (Em %)

Ramos de atividade econômica	1950	1960	1970
Agropecuária	7,4	10,0	9,6
Indústria Extrativa Mineral	5,9	8,7	1,8
Indústria de Transformação	17,4	24,6	18,8
Indústria de Construção	-	1,0	0,9
-Serviços Industriais de Utilidade Pública	-	-	5,6
Comércio de Mercadorias	9,3	11,5	16,4
Transporte, Comunicação e	4,1	4,1	5,0
Estabelecimentos Financeiros	11,1	-	18,0
Serviços	46,0	52,7	56,6
Outros	18,3	29,7	23,0
Total	14,6	17,9	20,9

Fonte: IBGE, Censos Demográficos – Brasil, 1950, 1960 e 1970. Extraído de Brasil. Ministério do Trabalho. *Formação profissional da mulher trabalhadora no Brasil.*

A partir dos anos 70, com o aumento da participação da mulher no mundo do trabalho, emerge a palavra de ordem *Salário igual para trabalho igual*, como resultado da perspectiva democrática e cidadã que começa a ser difundida na sociedade brasileira. Medidas afirmativas são formuladas, com a intenção de superar a situação de discriminação e super exploração a que as mulheres estavam submetidas.

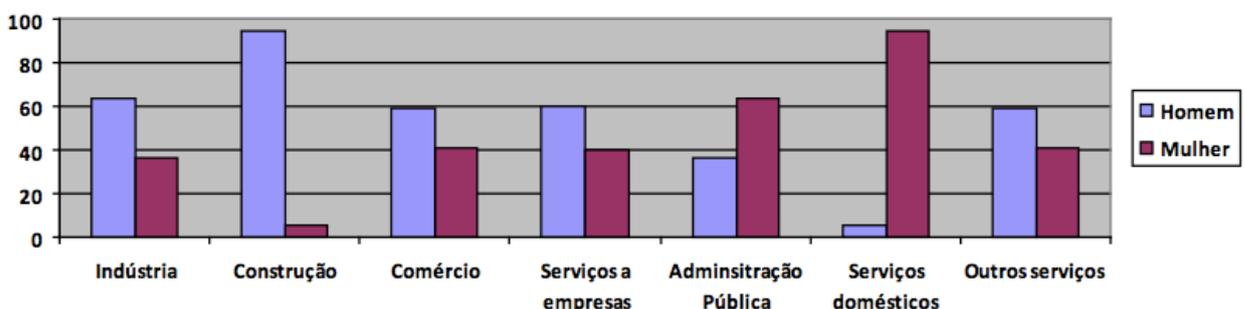
Gráfico 2 – Taxas de participação na PEA, por sexo, Brasil – 1950-2010



Fonte: Censos demográficos do IBGE

O gráfico 2 apresenta o aumento da participação feminina ao longo dos anos, a cada vez mais se equiparando aos homens. Ainda analisando o comportamento das taxas de atividade para homens e mulheres, antigamente e atual, entre 1950 e 2010, observa-se a redução das taxas masculinas, que passaram de 80,8% em 1950 para 67,1% em 2010 e aumento das taxas femininas, que passaram de 13,6% para 48,9%, no mesmo período. A linha do gráfico 2, mostra a tendência de decréscimo do hiato de gênero, já que existe um processo de convergência no nível de inserção de ambos os sexos na população economicamente ativa. Evidentemente, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho não eliminou os problemas de segregação ocupacional e discriminação salarial, embora tenham sido abrandados. Em 1950, cerca de 81% dos homens de 10 anos ou mais de idade estavam no mercado de trabalho. Eles entravam cedo e saíam tarde da atividade econômica. Porém, com o processo de modernização do país, os homens foram ficando mais tempo na escola e passaram a sair mais cedo da força de trabalho devido ao aumento da cobertura da previdência social.

Gráfico 3 – Distribuição da população metropolitana ocupada, por grupamento de atividade, segundo o sexo. - 2009



Fonte: IBGE, 2010.

A partir do gráfico 3, podemos constatar que os dois únicos setores em que as mulheres são maioria em 2010: Administração Pública (63,2% são mulheres); e Serviços Domésticos (94,5% são mulheres). Elas continuam com percentuais abaixo do que os dos homens em vários outros setores, principalmente, no setor

de construção.

Segundo dados do Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupa a 85ª posição no ranking internacional que mede a igualdade entre os gêneros em 2010 e essa posição caiu quatro posições abaixo em 2009 e vem caindo nos últimos cinco anos. Em 2006, o país havia ficado na 67ª posição. Outro indicador importante: o Brasil está em 123º lugar no índice que mede a percepção de igualdade salarial entre homens e mulheres, para trabalhos similares.

Dados atualizados mostram que a participação da mulher evoluiu no período foi a construção civil, principalmente em atividades como Construção de estações e redes de telecomunicações, onde a participação feminina passou de 12,96% em 2010 para 13,68% em 2011; Perfuração e construção de poços de água que passou de 11,75% para 12,31%; e ainda na Montagem e instalação de sistema e equipamentos de iluminação e sinalização em vias públicas, postos e aeroportos atividade onde a participação feminina passou de 14,14% em 2010 para 14,36% em 2011 (BRASIL, 2013).

Também na área da construção civil, há evidências de mudanças com a ampliação da entrada de um maior número de mulheres nos cursos de engenharia civil e inserção delas inclusive nos canteiros de obras. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), o segmento da construção civil no mundo do trabalho absorveu no ano de 2007 171 mil mulheres; no ano de 2008, 184 mil; e, em 2009, 240 mil mulheres, com atividades diversas, a exemplo de assentamento de tijolos, aplicação de azulejos e demais acabamentos, e responsabilidade de gerenciamento de obras por engenheiras.

Vivemos em uma intensa transformação no mercado de trabalho, enfrentamos tendências apresentadas pelo meio industrial, e essas mudanças refletem em diversos aspectos, sendo assim os trabalhadores estão sujeitos a todas essas mudanças, e para sobreviver a elas, devem se moldar conforme é necessário. E o que podemos perceber, é que, se pensarmos na questão da setorização do trabalho, fica evidente o quanto as mulheres estão mais presentes, e existe essa setorização no âmbito social também.

As informações relativas ao recorte por gênero evidenciam que o nível de emprego da mão-de-obra feminina apontou um crescimento de 7,28% superior ao registrado para os homens (+6,70%). Esse comportamento resultou numa ligeira

elevação da participação da mulher no total de empregos formais, de 41,4% em 2009, para 41,6% em 2010, o que dá continuidade ao processo de expansão da força de trabalho feminina, verificado nos últimos anos (MTE-RAIS, 2010, p. 11).

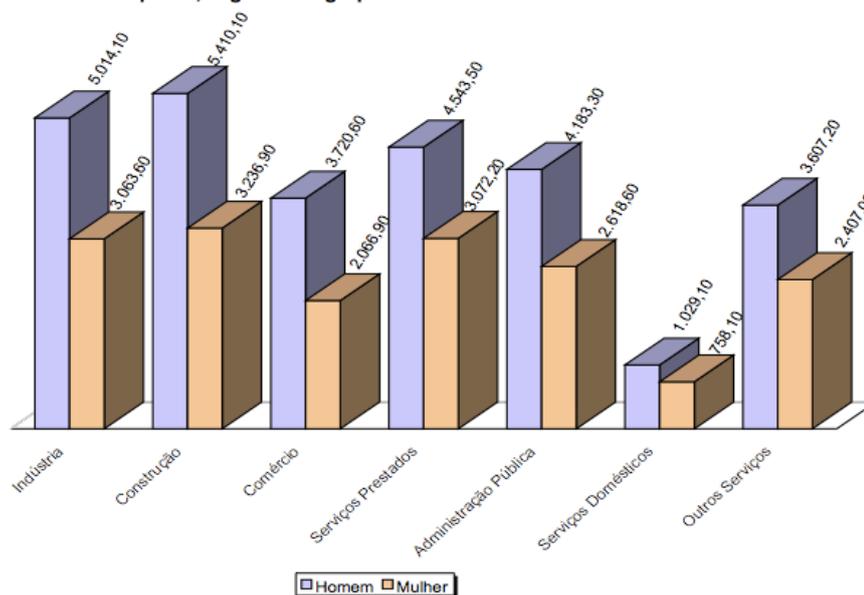
Mesmo com essa participação maior da mulher, fica claro, que a maioria delas é sempre remanejada para setores de prestação de serviço, o que as colocam como incapazes de desenvolver um ótimo trabalho em outros segmentos dentro da indústria ou da construção civil.

O gráfico 4 abaixo aponta as diferenças salariais do trabalho por gênero. Os dados apresentam o rendimento médio de pessoas que possuem o nível superior.

Gráfico 4 – Salários distribuídos por sexo e setor – Brasil 2010.

Gráfico 4 – Salários distribuídos por sexo e setor – Brasil 2010.

Rendimento médio habitual da população metropolitana ocupada, por sexo, que concluiu o nível superior, segundo os grupamentos de atividade - 2009



Fonte: Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE).

De acordo com Hirata (2002), as fronteiras entre a masculinidade e a feminilidade sociais, não são fixas. Entretanto, a sua mobilidade parece decorrer das próprias exigências do processo produtivo em dado período histórico, de forma que o próprio capital se opõe a uma transitividade total dos atributos sexuais.

Podemos perceber no gráfico 4 que as mulheres recebem salários mais

baixos mesmo quando executam as mesmas tarefas que os homens, inclusive no setor doméstico onde a maioria são mulheres (em média, RS\$1.029,10 e as mulheres, RS\$758,00.). Podemos complementar também com o fato de que elas executam a dupla jornada pois ainda são muito comprometidas com os afazeres domésticos sentindo-se responsáveis por eles. Infelizmente o aumento de escolaridade lhe proporcionou apenas chances de inserção em outras carreiras mas isto não significou um salário igual ao masculino, respeitabilidade em algumas carreiras ou até mesmo de ocupar cargos de chefia. Esta questão nos faz pensar de que forma nossa sociedade pode avançar de maneira positiva sobre esta hierarquização de ações e de trabalhos, colocando os homens e as mulheres que os realizam em posições sociais desiguais, de dominação e subordinação.

Isto não significa que não percebamos as diversas e profundas alterações por que o mundo passou no que diz respeito ao trabalho. Verifica-se diminuição de trabalhadores regidos pelo modelo *taylorista-fordista*, uma vez que novos modelos de gerenciamento industrial apareceram, entre eles, destaca-se o padrão *toyotista*; crescimento das “inúmeras formas de sub-proletarização ou precarização do trabalho”; ampliação do número de trabalhadores de classe média, especialmente no setor de serviços; exclusão de jovens e velhos do mercado de trabalho; alto índice de desemprego; aumento expressivo do número de mulheres na classe trabalhadora, sendo que estas ocupam muito mais trabalhos “precarizados, subcontratados, terceirizados, *part-time* etc.” (ANTUNES, 2000, p. 191).

Como já colocamos algumas vezes, a mulher esta sempre sujeita a cargos precários, ou que as coloquem em situação de exploração e omissão, e levem a diante uma função que as tragam problemas sociais, físicos e até psíquicos. Fica evidente a vontade da mulher buscar, por meio dessa inserção no mundo de trabalho masculino, provar que é capaz de decidir, optar e ocupar uma função e/ou cargo que só os homens ocupam. Porém ainda é possível perceber ainda sinais de estigmatização em relação ao trabalho executado por elas. Ainda recebem salários mais baixos mesmo quando executam as mesmas tarefas que os homens, executam a dupla jornada, pois ainda são comprometidas com os afazeres domésticos sentindo-se responsáveis por eles. O aumento de escolaridade lhe proporcionou chances consideráveis de inserção em várias carreiras mas isto não significou em determinadas áreas usufruir de respeitabilidade ou ocupar cargos de chefia. Ser a engenheira responsável por uma grande obra ainda é tarefas exóticas

ou excepcionais dentro da nossa sociedade. Determinados deslizes nessas funções se provocados por homens passam despercebidos, mas se são mulheres que erram parecem confirmar a inaptidão feminina para tais funções.

São as mulheres que estão em maior número nas profissões que possuem jornada reduzida, principalmente no setor de telecomunicações. A redução de jornada não significa menos trabalho ou menos opressão. Na verdade, essa redução no tempo está longe de ser o tão almejado tempo livre, pois se trata de uma função altamente estressante e sobre pressão por resultados. É evidente que as concepções que rodeiam o mercado hoje são muito distintas das que o norteavam no século passado. Conseqüentemente, a educação, especialmente a profissionalizante, que contribui bastante na produção e reprodução das relações de trabalho, tem se aberto para discussões acerca de suas práticas pedagógicas.

O ensino tecnológico torna-se parte do processo de socialização e desenvolvimento do sujeito, enquanto forma de sua preparação e formação para o mercado de trabalho, atendendo ainda às suas necessidades profissionais de subsistência, efetivando o desenvolvimento de suas habilidades e aptidões.

Nos últimos anos, o setor da construção civil passou por um forte aquecimento no Brasil. Além das obras para a Copa do Mundo e as Olimpíadas, o governo federal investiu na construção de residências do Programa Minha Casa Minha Vida e obras do PAC. Nesta perspectiva criou um programa de educação (PRONATEC) para atender a demanda ainda não qualificada no país, é o que veremos a seguir.

4. GÊNERO E SUA PARTICIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Na busca de direitos fundamentais dos seres humanos encontramos a importância das políticas públicas assumindo sua função social. Estes direitos tais como, moradia, saúde, educação, lazer, segurança entre outros, expressa a necessidade de mediação e assistência estatal para garantir a concretização destes direitos sociais. Bem como são essenciais no combate a desigualdade social, preconceito e injustiças sociais que impossibilitam a cidadania.

O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) foi criado pelo Governo Federal Brasileiro, em 26 de outubro de 2011, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica e tem como objetivo expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos técnicos e profissionais de nível médio e cursos de formação inicial e continuada para trabalhadores. Este é oferecido em parceria com o Sistema S, o qual é formado por organizações criadas pelos setores produtivos (indústria, comércio, agricultura, transportes e cooperativas). As contribuições incidem sobre a folha de salários das empresas pertencentes à categoria correspondente sendo descontadas regularmente e repassadas às entidades de modo a financiar atividades que visem ao aperfeiçoamento profissional (educação) e à melhoria do bem estar social dos trabalhadores (saúde e lazer). (PORTAL BRASIL, 2012)

As escolas do Sistema S e das redes públicas também ofertam cursos de formação inicial e continuada para capacitar os favorecidos do seguro desemprego que sejam reincidentes nesse benefício. Esta ação se aplica também ao público beneficiado pelos programas de inclusão produtiva, como o Bolsa Família, pessoas interessadas que trabalharam na Copa do Mundo, reservistas das forças armadas ou atiradores de tiro de guerra, pessoas com deficiência, povos indígenas, comunidades quilombolas, etc. Durante o acompanhamento pedagógico deste programa em uma específica instituição ofertante pode-se observar mulheres frequentando e concluindo com êxito cursos de qualificação profissional na área da Construção Civil, em cursos como Mestre de Obras, Aplicador de Revestimento Cerâmico, Pedreiro de Alvenaria entre outros.

O ensino profissional torna-se parte do processo de socialização e

desenvolvimento do sujeito, enquanto forma de sua preparação e formação para o mercado de trabalho, atendendo ainda às suas necessidades de subsistência, efetivando o desenvolvimento de suas habilidades. É sabido que as concepções que norteiam o mercado hoje são muito diferentes do que era no século passado. Conseqüentemente, a educação, especialmente a profissionalizante, tem se aberto para discussões acerca de suas práticas pedagógicas.

Podemos perceber que através do programa de governo citado (Pronatec), o sistema educacional profissionalizante brasileiro, hoje apresenta igualdade de oportunidades para os sexos no tocante ao acesso e permanência no sistema, recebe pessoas de diversas raças e origens econômicas. Porém precisamos trazer à reflexão sobre o sistema educacional simultaneamente como instância de formação de crianças, adolescentes, jovens e adultos, como mercado de consumo (materiais escolares, edifícios, livros didáticos e paradidáticos, equipamentos, transporte, etc.) e como mundo do trabalho, seja para trabalhadores(as) que atuam internamente no sistema educacional (serviçais, docentes e técnicos/as), seja para aqueles (as) que produzem bens e serviços auxiliares, sistema este que produz e reproduz desigualdades de gênero, classe, raça e idade.

Quando pensamos na educação profissional estamos submetidos a pensar seriamente no profissional que está responsável por oferecer esses cursos, principalmente em salas onde mulheres estão inseridas, e isso nos remete a importância da formação continuada, e do trabalho intensivo sobre a relação gênero/mundo do trabalho e gênero/educação profissional. Que a mulher é minoria nessa realidade, todos já sabemos, porém é importante que o professor esteja apto e preparado para lidar com essa diferença, pudemos perceber na fala de nossas entrevistadas que os professores tem tido muita paciência e tem desempenhado sua função de forma determinante. O professor além de ser responsável por transmitir o conhecimento, tem uma função muito importante na relação do gênero, que é coibir e problematizar o preconceito e evitar etapas máximas de violência ou discriminação. O conhecimento da realidade na qual a escola está inserida é condição mínima de qualquer atividade docente envolvendo a temática de gênero. A sala de aula é o local mais apropriado para promover a cultura e trabalhar o reconhecimento das diferenças de identidades. É importante destacar, as reflexões

que Vianna e C.R. Silva fazem acerca do assunto:

[...]as ações que fomentam o trabalho com a questão da diversidade sexual e das discriminações de gênero também dependem da leitura que os membros da escola – professores, alunos e funcionários – possuem sobre as relações de gênero. A urgência de se trabalhar as representações culturais que circulam na escola tem a ver com o reconhecimento de sua responsabilidade pela produção e reprodução de referências e conhecimentos que rejeitaram discursos que justificam as desigualdades, seja por meio de preconceito ou silêncio. (VIANNA e C.R. SILVA, 2008, p.14)

Ou seja, devemos usar a sala de aula como o ambiente perfeito para quebrar as barreiras que nos afasta de estar realmente caminhando para a igualdade na relação de gênero na educação profissional e no mundo do trabalho. Mas uma vez nos deparamos com a importância do preparo do professor. Para Whitaker (1989), o fato de educadores e educadoras não dominarem a problemática de gênero contribui para a continuidade de velhas crenças impregnadas de ideologias desvalorizadoras do papel da mulher na “história”, o que se encontra nos currículos ou na forma como esses são apresentados, trazendo uma visão masculina do universo.

Luz (2009) destaca a importância da formação continuada para os professores, pois, as mudanças na construção das concepções e práticas escolares dependem de preparação e de sensibilização dos docentes. A inclusão do tema “gênero” nos ensino regular, profissional e de educação continuada oferecerá base teórica e metodológica para que o docente tenha segurança para elaborar apresentações, levantar e debater questões reflexivas que precisam de cuidados em suas abordagens.

Os processos educacionais e de formação profissional são de extrema importância para a preparação e criação de procedimentos e práticas que “desmistifiquem a concepção preconceituosa de gênero e possibilite a formulação e implementação de políticas públicas capazes de erradicar as diversas maneiras de discriminação contra homens e mulheres das diferentes raças, etnias” (MORAES, 2005, p.17). Se por um lado, as mulheres ocupam empregos precários o que faz que com elas se submetam à exploração e vivam com bastante dificuldade, por

outro lado, as mulheres buscam, por meio da profissionalização, constituir-se sujeitos ativos, entenda-se, com capacidade de decidir, de escolher, de galgar uma posição de trabalhadora.

Para Freire (2003) educar é construir, libertar homens e mulheres do determinismo, passando a reconhecer o seu papel na história, considerando a sua identidade cultural na sua dimensão individual e coletiva. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia ou sem levar em conta as experiências vividas, o processo educativo será inoperante e constituirá somente um conjunto de meras palavras, despidas de significação real.

Não pense que o machismo acontece porque os homens duvidam da nossa capacidade, ele acontece porque eles já tem certeza de que não há nada nesse mundo que uma mulher não faça tão bem ou melhor que eles, a segurança das mulheres ameaça o ego de alguns homens. (Aluna do curso do Pronatec)

Quando a aluna do curso nos presenteou com essa fala, possibilitou que fizéssemos uma ótima relação com tudo que encontramos até agora e contribuiu também para um ponto que não havíamos destacados até então, a segurança da mulher. Hoje a mulher está menos submissa, mais corajosa e por consequência mais segura, características importantes para o enfrentamento de gêneros. Os homens acabam passando por um processo de desempoderamento quando a mulher decide lutar por seu espaço, e esse processo possibilita que a segurança e confiança da mulher cresça ainda mais.

Cuidadasas e detalhistas, mulheres investem em cursos profissionalizantes em busca de estabilidade financeira e possibilidade de abrir o próprio negócio. Número de mulheres que atua na Construção Civil aumentou 65% na última década. Nos últimos anos, o setor da construção civil passou por um forte aquecimento no Brasil. Além das obras para a Copa do Mundo e as Olimpíadas, o governo federal investiu na construção de residências do Programa Minha Casa Minha Vida e obras do PAC. Simultaneamente, o número de empreendimentos imobiliários privados não parou de crescer.

A questão a ser destacada não é o fato de existirem trabalhos ou ações realizados mais comumente por homens ou por mulheres. O que se questiona é a hierarquização dessas ações e desses trabalhos, colocando os homens e as mulheres que os realizam em posições sociais desiguais, de dominação e subordinação.

4.1 A REALIDADE DA MULHER NOS CURSOS DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Na tentativa de conhecer um pouco mais da realidade das mulheres que optam por cursos e profissões onde o índice de homens é extremamente superior, conversamos com três mulheres que estão inseridas no programa do PRONATEC e estão realizando o curso de aplicador de cerâmica e de gesso. São mulheres que carregam junto com o sonho de vencer na vida, sonhos que vão além de uma carreira, além de uma renda boa para seu sustento, sonhos que as realizam como elas se enxergam, mulheres determinadas e que desejam poder construir seu próprio lar, construir do seu jeito, com suas particularidades, sem precisar gastar uma fortuna. Querem o reconhecimento pelo trabalho feito, independente de quem o fez.

Em outras discussões sobre mulheres que optaram por ambientes de trabalho dominado por homens, vemos que as mulheres ao não encontrar espaço no mundo do trabalho formal, migram para trabalhos cooperativos, o que nos remete a pensar sobre essas mulheres que, indireta ou diretamente, são submetidas a cargos menos favoráveis, isso também ocorre na área pesquisada, que é a de construção civil. Quando não são remanejadas para cargos administrativos, acabam desenvolvendo funções mais “leves” e que exigem menos delas, pois os empregadores quase sempre as julgam como incapacitadas. Veremos mais detalhes em alguns trechos abaixo..

O primeiro passo para conhecer essas mulheres é entender os motivos que as levaram a escolher a área de construção civil. Não é de hoje que a mulher vem buscando incansavelmente seu espaço, e uma realidade em que é normal que a mulher contribua na renda da família, por que há tanto estranhamento em relação

ao seu salário ser igual do homem, ou até mesmo a capacidade de desempenhar os mesmo papeis e funções do homem no mundo do trabalho?

1. Por que você se interessou em cursar áreas que, historicamente são ocupadas por homens?

Entrevistada 1: **Ah eu me interessei pelo seguinte, é... na verdade eu tô estudando pra fazer minha casa. O objetivo de eu ter vindo fazer o curso é porque assim eu já contratei vários pedreiros pra trabalhar pra mim e os serviços sempre saem mal feito, e a gente sofre muito né, assim a não ser que você contrate uma construtora mas quem tem pouco dinheiro pra contratar um pedreiro você sofre bastante com eles. (...) Então no meu caso a minha intenção, o meu foco é construir uma casa boa pra mim, meu sonho.**

Entrevistada 2: **Porque eu queria mesmo essa área de construção. Pra trabalho? Pra trabalho mesmo, já nasci em família de pai e irmãos pedreiros e sempre vendo eles trabalhar e sempre enchendo o saco né, querendo ajudar, aí cresci, e quando eu tive oportunidade, porque eles nunca aceitaram mulher em obra né, quando eu tive a oportunidade de entrar com servente, entrei como servente, fazendo massa, puxando saco de cimento, fazendo arrumação na obra, finalização, desmanchando andaime, e daí de lá eu fui progredindo e fui promovida a pintura, porque aí eu fiz um curso durante o trabalho, era um projeto da paz, do gerard, e oito meses de curso, pedreiro total, tudo, desde o início da arrumação, até o final de uma obra. *Formação completa?* É, só que eu não exerci na verdade, a única coisa que eu exerci foi a pintura, e daí fiquei um tempo trabalhando por conta, assim sozinha, assim, no bairro, os próprios conhecidos meus, e daí tá, aí resolvi trabalhar registrada de novo, só que não conseguia por causa de preconceito.**

Entrevistada 3: **Bom eu vou começar do começo, eu trabalho o dia inteiro cobrindo a falta das meninas, porque eu trabalhei numa firma, quando eu trabalhei pós obra, pós obra assim, é limpando massa, vidro, e eu gostei assim sabe, tinha uma palheta, e eu perguntei do que era, disseram de gesso, aí eu fui me informei onde fazia curso pra gesseiro, esperei essa vaga aqui um ano, quase um ano, esperei nove meses e pouquinho (...) porque eu tô fazendo minha casa, eu e meu irmão “tamo” fazendo minha casa, e eu quero fazer as paredes da minha casa e quero abir um negócio pra mim, assim pra mim, pro meus irmãos, pra quem quiser, pra**

gente trabalhar em equipe assim, ganhar um dinheirinho, ajudar assim um ao outro. Trabalhar nessa área? Isso trabalhar nessa área, porque é uma área que dá dinheiro, eu acho.

Entre nossas entrevistadas, quando questionamos sobre o que as levou a procurar um curso frequentado na maioria das vezes por homens, destacamos a questão do sonho de poder construir sua casa própria e por interesse no seu próprio emprego mesmo. A entrevistada que tem o sonho de construir sua casa, destaca que mesmo que não tenha como foco no mundo do trabalho, não descarta essa possibilidade, pois durante o curso se apaixonou pelo ofício, e caso venha a trabalhar na área, pretende construir casas para vender, como se fosse uma construtora própria, onde ela possa trabalhar e chefiar, já que a questão de ser empregada é mais complicada devido ao preconceito. A segunda entrevistada deixa claro que seu foco é o mundo do trabalho, pelo fato dela já estar trabalhando nessa área escolheu o curso para que possa crescer na empresa onde trabalha, ela nos conta que abriu uma vaga para aplicador de cerâmica e ela perguntou para seu superior que se caso fizesse o curso ele daria uma oportunidade para ela, ele aceitou e ela foi buscar o conhecimento. A terceira entrevistada nos mostrou uma posição que na verdade é a mistura das duas primeiras, ela também está construindo sua casa com seu irmão e se interessou pelo curso de gesso para que possa fazer em sua casa, posterior a isso ela nos mostra total interesse em abrir um negócio nesse ramo de gesso, junto com sua família.

Ao analisar as três respostas, percebemos que a segunda entrevistada conhece melhor a área, pois já trabalha e vem de uma família que trabalha desde sempre na construção civil, sabe das dificuldades e do preconceito que existe. Essa entrevistada, mostra certa familiarização com essa vivência, pois cresceu numa família de pai e irmãos trabalhadores da construção civil, conhece as dificuldades e as barreiras e se mostra ciente que essas dificuldades podem até dobrar, por ser uma mulher.

2. Você tem percebido a desigualdade e preconceito entre gênero na educação profissional e no trabalho?

Entrevistada 1: (...) **não tive nenhum tipo de problema, professor maravilhoso, a equipe que eu peguei dos homens, é uma equipe maravilhosa, eu tava até preocupada com isso mas no fim fui super bem aceita.**

Entrevistada 2: . *Então no mundo do trabalho tem preconceito? Tem preconceito. Mas dos homens que já trabalhavam lá ou do empregador? Não, o empregador. Eles não contratam? Eles acham que a gente não tem capacidade.*

Entrevistada 3: *Você percebe dentro do curso preconceito dos homens? Do professor, porque você é mulher. Não, me receberam bem, me ajudam.*

Nessa questão duas delas só puderam responder em relação ao curso mesmo, pois ainda não conhecem o nicho do trabalho que pretendem, ou não, fazerem parte. Depois de conhecer um pouco mais do assunto e dos relatos que as entrevistadas fizeram, fica claro que o preconceito se instala mais frequentemente entre os empregadores, que muitas vezes não dão oportunidade para mulheres capacitadas para aquela área, apenas pois julgarem que elas não são capazes. Durante o curso, onde todos estão aprendendo percebemos que elas compartilham de um ambiente de parceria e ajuda dos demais alunos.

3. Qual foi a reação da sua família ao saber que você está inserida em um curso masculino?

Entrevistada 1: **Minha família fica rindo de mim, porque a minha irmã falou: “Roseli esse serviço é muito pesado” e tudo né, mas eles estão achando super legal porque eu já venho de uma família muito batalhadora assim, porque eles só acham o “invés” porque eu era estudante de direito né, faltou um ano pra eu concluir, eles acharam uma mudança muito radical, só que eu não to mudando pra pedreiro na verdade, eu acho uma coisa muito interessante, porque veja, todo mundo fica preocupado em outras coisas mas na verdade quando você vai morar você sempre depende do pedreiro, todas as belezas na sua casa, tudo que você vê.**

Entrevistada 2: **Como minha família toda trabalha na área não tive problema nenhum.**

Entrevistada 3: **Ah eu tenho duas irmãs e dois irmão, minhas duas irmãs me deram força, meu irmão mais velho sim, mas o outro disse: “ah mas isso aí é coisa pra homem, pra que? Você já trabalha em serviço puxado e vai fazer isso ainda?” Então três foi a favor e um contra. Mas aceitou depois.**

A família pode muitas vezes ser o primeiro lugar onde se deparamos com o preconceito, nesses casos analisados não tivemos casos extremos de preconceito, apenas um estranhamento por parte de alguns familiares. Mas a compreensão e o apoio foram sempre maiores, o que é sempre muito importante, já que a família é a base pra tudo. Nossa terceira entrevistada, destaca principalmente a vontade de abrir um negócio no ramo de gesso com seu irmão, o que mostra a dedicação e o apoio da família.

4. Existe algum tipo de dificuldade em realizar as tarefas dentro do curso?
Entrevistada 1: Olha, na verdade é assim, eu, é que eu acho que tudo você tem que ter um dom, na minha casa, eu que criei meus filhos, eu sou separada, então quem já faz tudo é eu, então eu faço tudo assim, mas sem precisão sabe? Sem uma mão de obra qualificada, eu não to encontrando nenhum tipo de dificuldade porque o nosso professor ele ensina bem, e é um trabalho que você precisa gostar e eu não vejo nenhum peso, igual todo mundo fala, que é um serviço pesado, eu acho que é um trabalho que chega até ser mais leve que o trabalho doméstico, porque aqui, você fez, colocou a cerâmica, limpou tá pronto, e serviço de casa não acaba nunca né
Entrevistada 2: E quanto aqui, eles não tem preconceito, de forma alguma, só que a gente mulher sabe bem menos que eles, não adianta a gente dizer que não, eles sabem melhor, e eu sei disso porque a gente ve que eu tenho dificuldade com as coisas, eles tem um jeito mais fácil pra tudo, enquanto eu as vezes to ali boiando “ah eu não entendi” Mas o professor tem paciência? E os alunos ajudam assim? O professor tem paciência sim, e ele ajudam.
Entrevistada 3: Não, não, mesma coisa, a força de trabalho é a mesma, a vontade de aprender, eu acho que é tudo igual, porque assim a pessoa que tem vontade de aprender ela vai dá o máximo dela, eu sou assim, sou persistente.

Quando conhecemos nossas entrevistadas, percebemos de imediato a vontade delas estarem fazendo esses cursos, vemos nos olhos delas a determinação em aprender e diante das dificuldades que possam encontrar esse é o passo mais importante. Quando conversamos a respeito das dificuldades que elas possam encontrar no curso, elas nos relatam que em alguns momentos até percebem que os homens, colegas de turma, desempenham algumas atividades com mais agilidade, citaram até a questão de dom, e a facilidade dos homens

aprenderem com mais facilidade pois já tem certo conhecimento da área em geral. Porém sempre receberam atenção especial do professor e dos próprios colegas que se prontificam a ajudar sempre.

5. Você tem interesse em trabalhar na área após concluir o curso?
Entrevistada 1: ? Não eu não tenho interesse em trabalhar, posterior a isso, depois que eu fizer minha casa, se realmente eu, porque eu me apaixonei sabe, não tive nenhum tipo de problema, professor maravilhoso, a equipe que eu peguei dos homens, é uma equipe maravilhosa, eu tava até preocupada com isso mas no fim fui super bem aceita. Então na sequência se eu gostar realmente, depois que eu fizer minha casa, minha intenção é assim, comprar um terreno, construir uma casa e vender, como se fosse uma construtora por conta própria.
Entrevistada 2: Pra trabalho mesmo, já nasci em família de pai e irmãos pedreiros e sempre vendo eles trabalhar e sempre enchendo o saco né, querendo ajudar, aí cresci, e quando eu tive oportunidade, porque eles nunca aceitaram mulher em obra né, quando eu tive a oportunidade de entrar com servente, entrei como servente, fazendo massa, puxando saco de cimento, fazendo arrumação na obra, finalização, desmanchando andaime, e daí de lá eu fui progredindo e fui promovida a pintura, porque aí eu fiz um curso durante o trabalho, era um projeto da paz, do Gerard, e oito meses de curso, pedreiro total, tudo, desde o início da arrumação, até o final de uma obra. (...). E eu tenho interesse de trabalhar nessa área. <i>O curso é pra que você tenha essa oportunidade no seu trabalho né? Isso.</i>
Entrevistada 3: Quero, quero, quero fazer na minha casa, quero trabalhar.

Quando pensamos no preconceito que rodeia as questões de gênero, fica evidente que é mais frequente e perceptível no mercado de trabalho, assim define uma de nossas entrevistadas: “Na equipe fazemos tudo junto, bem parceria mesmo, pelo menos pra aprender né, vamos ver na prática, vamos supor que eu vá lá trabalhar com eles, aí eu já não sei. Envolve dinheiro né, aí é outra coisa”. Essa fala define bem a ideia de que os empregadores detêm a maior parcela do preconceito existente, as grandes relações de poder e financeiros são determinantes para os julgamentos e as barreiras que as mulheres inseridas na área de construção civil enfrentam. O ambiente de aprendizado é muito mais leve e tranquilo, não há tanta competição, os alunos se ajudam e coopera um com o outro. O mundo do trabalho em si já é um local de extrema competição, seja ela por cargos melhores, por um

destaque maior ou por mera satisfação pessoal.

Essa competição fica ainda mais acirrada quando um homem, que está inserido em um local que historicamente foi determinado como “área masculina”, se sente ameaçado por uma mulher, que também historicamente foi sempre sua “subordinada”, é um ponto delicado, porém não devia existir. O motivo do ambiente do curso ser de mais cooperação do que competição, é que naquele momento não identificam ameaça alguma, por isso ajudam, e se dispõem a vê-las crescer, mas se caso eles se encontrarem no mundo do trabalho a questão muda completamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido às mudanças pelas quais tem passado o mundo do trabalho o aumento da participação feminina é evidente. As análises que buscaram compreender as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade, a partir do conceito de “gênero”, apontaram a qualificação profissional como meio de superação da desigualdade.

As mulheres precisam distinguir contra quem é a luta pela superação das classes de gênero. Esta luta deve ser de homens e mulheres contra as culturas e as formas histórico-sociais do domínio masculino. Todo esforço possibilitará que a mulher conquiste e efetive sua autonomia, para uma melhor qualidade de sua vida e do convívio social no espaço público. Caminhamos a passos largos e lentos para o real desaparecimento do preconceito e desigualdade de gênero.

Através da nossa entrevista com alunas do PRONATEC nos cursos da área de Construção Civil, nos mostrou que ainda que menor o preconceito ainda existe em relação ao gênero. Muitas vezes o “estranhamento” começa dentro da família da mulher que opta por um curso ou profissão predominantemente masculina. Acompanhado da surpresa que a família muitas vezes apresenta, está também a preocupação, por se tratar de um serviço que exige mais do físico da mulher. E mesmo diante dessas primeiras barreiras, todas elas se mostraram decididas em sua escolha. Em relação ao curso, é unânime o apoio que todas elas encontraram vindo por parte do professor e dos colegas, homens, de curso. Existe um auxílio total, uma atenção diferenciada que garante que todas elas tenham vontade de continuar nesse caminho.

Como uma de nossas entrevistadas, já tem contato com o mundo do trabalho nessa área, como mulher, ela nos garante que quando há dinheiro envolvido, há uma mudança drástica de figura, pois entra em questão os conceitos de trabalho produtivo x trabalho reprodutivo. O preconceito se mostra presente desde o empregador até o colega de trabalho que julga e desconfia da capacidade da mulher ao desenvolver funções ligadas ao universo masculino no mundo do trabalho. Percebemos também que a maioria das mulheres que ingressam nessas áreas tem como objetivo o acúmulo de capital, se aventuram em locais e funções fora do

padrão, estabelecido socialmente, em busca de um sonho, por identificação total com a área e como uma realização pessoal.

Podemos até, informalmente, traçar um perfil dessas mulheres, são batalhadoras e muitas vezes independentes, acostumadas com a responsabilidade de sustento da família, buscam a realização em uma área pouco habitada. É claro, não é uma regra, mas alguma dessas características todas elas tem. Caminhamos lentamente para uma realidade com menos preconceito, extinguir ele totalmente, é algo difícil, mas as quebras desses tabus fazem parte dessa luta constante.

A mulher não quer o lugar do homem em lugar nenhum, ela apenas deseja ter o seu lugar cativo onde quer que vá. Esta é uma peleja vigente em nossa sociedade e todas as conquistas são fundamentais para o crescimento do gênero feminino na área da construção civil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Notícias do Ministério do Trabalho e Emprego: **Cresce participação das mulheres no mercado de trabalho**. Brasília, 2013.

_____. **Plano Nacional de Qualificação: PNQ, 2003-2007**. Brasília : MTE, SPPE, 2003. 56 p.

DICIONÁRIO MICHAELIS Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=g%EAnero/>>. Acesso em 06/10/2014.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. **A Classe operária tem dois sexos**. In: Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1994.

HIRATA, Helena. **Flexibilidade, trabalho e gênero**. In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Orgs.). **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Boitempo, São Paulo: 2002.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, **Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011**.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a (1. ed.: 1997)

LUZ, N. CARVALHO, M. CASAGRANDE, L. **Construindo a Igualdade na Diversidade: Gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: Ed. UTFPR, 2009.

PORTAL BRASIL Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/02/sistema-s-e-estrutura-educacional-mantida-pela-industria>>. Acesso em 12/11/2014.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação sexual na escola**. Cadernos de Pesquisa, n. 53, São Paulo, mai. 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p. 91-97.

SIMIÃO, Daniel S. Gênero no mundo do trabalho. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**. ED. UTFPR, ano 1, n. 1, 2005.

YANNOULAS, Sílvia Cristina. **Dossiê: políticas públicas e relações de gênero no mercado de trabalho**. Brasília: CFEMEA; FIG/CIDA, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO
APRESENTADO PARA AS ENTREVISTADAS PARA PARTICIPAÇÃO
EM PESQUISA.....

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO PARA CONTRIBUIÇÃO DE PESQUISA
PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ACERCA DE GÊNERO.....

APÊNDICE 1 - TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO APRESENTADO AS ENTREVISTADAS PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

Carta de Apresentação

Vimos por meio desta apresentar Fernanda Zanetti Baena e Rafaela Silva Dias, alunas regularmente matriculadas no Curso de Pedagogia, nesta Universidade e em fase de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso. Solicitamos a gentileza de recebê-las para fins de realização de coleta de informações para a pesquisa que com vistas à produção do TCC. Asseguramos que todos os cuidados éticos relativos aos dados obtidos bem como aos sujeitos envolvidos serão tomados e nos comprometemos com a não identificação pública da instituição e dos sujeitos envolvidos. Desde já, agradecemos pela atenção e valiosa colaboração

Curitiba, 15 de julho de 2014

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'M. R. Silva', is positioned above the typed name of the professor.

Profª Drª Monica Ribeiro da Silva

monicars@ufpr.br



APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO PARA CONTRIBUIÇÃO DE PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO ACERCA DO GÊNERO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM AS ALUNAS:

1. Por que você se interessou em cursar áreas que, historicamente são ocupadas por homens?
2. Você tem percebido a desigualdade e preconceito entre gênero na educação profissional e no trabalho?
3. Qual foi a reação da sua família ao saber que você está inserida em um curso masculino?
4. Existe algum tipo de dificuldade em realizar as tarefas dentro do curso?
5. Você tem interesse em trabalhar na área após concluir o curso? Já trabalha na área?